

HIPERMODERNIDADE NO COTIDIANO DE PESSOAS IDOSAS: A INSTAURAÇÃO DO FUTURO MUTANTE NO IMAGINÁRIO DE ÓRFÃOS DO PASSADO ¹

Maria Cleonice Mendes de Souza
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
Universidade Estadual de Montes Claros-MG
mariacleom@yahoo.com.br

Introdução

A ideia de trabalhar com idosos, especialmente por conhecer e entender como eles se relacionam com os tempos atuais é o núcleo central deste estudo. Uma das hipóteses é que os velhos sentem dificuldades em se adaptar a mudanças tão radicais que acontecem a todo o momento, resistindo assim às relações estabelecidas na hipermodernidade. Neste sentido, busquei empreender questões que possam compor o espectro investigativo da minha pesquisa. Questões como: O que pensam as pessoas que se encontram hoje com mais de 70 anos de idade, a respeito das transformações ocorridas na sociedade nos últimos cinquenta anos? Qual a influência dessas transformações na vida dessas pessoas? Como os idosos da hipermodernidade lidam com a tecnologia? Como os idosos vêm e convivem com os jovens, tão adaptados ao mundo moderno e tecnológico? Esses e outros questionamentos fazem parte daquilo que desejo conhecer e entender. Alguns estudiosos têm se dedicado a esse tema e produzido importantes investigações: Bosi (2007) diz que a memória dos velhos pode nos trazer riquezas do mundo social que desconhecemos. Essa pesquisa se justifica, então, pelo conhecimento que se pode adquirir, através das lembranças/memória e histórias que as pessoas idosas possuem a respeito dos tempos vividos e vindouros. Através desse conhecimento podemos ainda perceber as alterações qualitativas da vida social do(a)s velho(a)s decorrentes da apropriação feita por estes sujeitos dos novos valores e normas instituídos em tempos (hiper)modernos. E por que a escolha da hiper/modernidade

¹ Trabalho de doutorado, com a orientação da profa. Regina Helena de Freitas Campos, da Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG

como tema dessa pesquisa? O que é hipermodernidade? Para o filósofo Gilles Lipovetsky (2004), o termo “hiper” é utilizado para se referir a uma exacerbação dos valores criados na Modernidade e atualmente elevados de forma exponencial. O termo “hipermodernidade”, como ideia do exagero, de exacerbação da Modernidade surge em meados da década de 1970 e ganha destaque em 2004 através do estudo de autores franceses e do livro “Os tempos hipermodernos”, de Lipovetsky. Muitos autores se referem aos tempos atuais como pós-moderno. David Harvey (1994), sugere que esse pós-modernismo talvez seja o presságio de novos tempos, de revoluções muito mais profundas que as até agora acontecidas. Lipovetsky (2004), não concorda com o termo pós moderno exatamente pelas condições das transformações ocorridas, a rapidez com que as novidades são ultrapassadas e o excesso de consumo e a forma como as pessoas lidam com o tempo e com o espaço dão uma ideia de hiper e não de pós. O que sentem os velhos ao conviver com toda essa exacerbação da atualidade? Essa e outras indagações se configuram como nortes problematizadores dessa pesquisa e o objetivo principal desse trabalho foi investigar como as pessoas com mais de 70 anos convivem com a hipermodernidade e qual a influência desse fenômeno em suas personalidades / identidades, mas para que os velhos possam se referir aos tempos hipermodernos e extrair daí significados e sentidos é necessário que eles retornem a tempos precedentes, isto é, para opinar sobre o que estão vivendo hoje, eles têm que fazer comparações. Se os tempos são ruins ou bons, o são em relação a quê ou a que outros tempos? Se perguntarmos a uma pessoa de 15 anos o que pensa sobre a tecnologia, certamente ela não terá parâmetros para comparações, pois ela já nasceu imbuída do *ethos* da hipermodernidade, caracterizada por um tempo essencialmente tecnológico e vertiginoso, e certamente sequer concebe o mundo de outra maneira. No entanto, para uma pessoa de 70 anos ou mais, essa é uma realidade com a qual deverá se adaptar, já que na maior parte de sua vida conviveu com outra realidade, outros valores, modos e costumes.

Material e Métodos

Pela natureza desse estudo, que privilegia questões subjetivas, a abordagem qualitativa colocou-se como a mais pertinente. Para Le-Vem (2008), uma metodologia é qualitativa quando envolve sujeitos, pessoas que têm um nome, uma

história, uma trajetória de vida, pessoas que se dispõem a repartir sua vida em prol de uma coletividade. Em relação à entrevista, foi utilizada a *entrevista despadronizada ou não estruturada* que, de acordo com Andrade (2007), *consiste em uma conversação informal, que pode ser alimentada por perguntas abertas, proporcionando maior liberdade para o informante*. As entrevistas foram realizadas com pessoas com mais de setenta anos de idade, de duas cidades, sendo uma cidade de grande porte, (Montes Claros-MG) e uma cidade porte médio (Diamantina-MG). O intuito foi comparar como as pessoas idosas em cidades com características diferenciadas se comportam em relação à modernidade. Os entrevistados de cada cidade são em número de quatro, completando um total de 08 entrevistas. As pessoas foram escolhidas levando-se em conta a idade e as possibilidades que têm de usar a tecnologia, de consumir e de opinar sobre valores da atualidade. Não há nesse estudo comparações entre classes sócio-econômicas, havendo, sim, a preocupação com o gênero, isto é, homens e mulheres fizeram parte dessa pesquisa. Feita a entrevista, com o uso de gravador (consentido pelo entrevistado), essa pesquisadora fez a transcrição e posteriormente a análise dos dados coletados. Como o cerne desta pesquisa está nos relatos dos sujeitos entrevistados que contaram histórias de suas vidas, que voltaram ao passado através de suas lembranças, que manifestaram emoções e afetos, a História Oral também se configurou como uma metodologia adequada a esse projeto. Teixeira (2006:43), e outras ao falarem dos pressupostos teórico-epistemológico da História Oral dizem que além de uma metodologia, a História Oral é também uma pesquisa, pois se manifesta como um encontro socioantropológico. Dizem as autoras: *[...]é uma relação intersubjetiva entre sujeitos que falam e ouvem, que sentem, que pensam, unindo ciência e afeto, razão e emoção*. Na opinião de Amado e Ferreira, (1998:19) o fenômeno da oralidade vai muito além de aspectos teóricos ou metodológicos, pois coloca os seres humanos em processo de comunicação, afetando suas vidas, promovendo desenvolvimento e alterando a cultura. Por tudo isso, a história oral é tão importante para o trabalho de resgate de memórias e para as disciplinas que, de alguma forma, envolvem pessoas.

Resultados e Discussões

Os resultados confirmam, em parte, algumas das hipóteses pensadas para o projeto. Em relação ao uso da tecnologia, exclusivamente do computador, apenas três dos

oito entrevistados disseram fazer uso e, mesmo assim, com a finalidade exclusiva de trabalho, um dos pesquisados disse já ter usado o computador, porém não usa mais. Nenhum dos entrevistados disse gostar de usar o computador ou usá-lo com a finalidade de divertir. Celular foi outra das tecnologias que os entrevistados disseram usar de forma bastante restrita e dois deles disseram não possuir celular. Todos disseram ter um bom relacionamento com os filhos e netos, porém, condenam muitas das atitudes que os jovens apresentam hoje. Segundo os entrevistados, não há mais compromisso entre as pessoas. Os entrevistados apontaram também muitas vantagens da modernidade, entre elas, facilidades que a tecnologia trouxe para a vida das pessoas, como os diversos aparelhos eletrodomésticos que tornaram a vida da dona de casa muito mais fácil, o avanço da medicina que, inclusive proporcionou uma maior longevidade às pessoas, a facilidade de comunicação, a energia elétrica e tantas outras. Uma queixa que todos os entrevistados fizeram foi em relação à violência, que eles consideram como consequência da modernidade; a convivência com os vizinhos foi outro ponto considerado por todos como uma coisa negativa da modernidade, não mais se encontram às portas das casas para falar sobre a vida; o relacionamento entre as pessoas hoje, segundo os entrevistados é muito diferente de antigamente, as pessoas não se encontram mais, os familiares quase não dialogam, pois a TV tomou o tempo dos diálogos familiares e a internet é o espaço dos encontros, tudo, segundo eles, se tornou virtual. Os idosos dessa pesquisa entendem que o consumismo é algo negativo, que interfere de forma prejudicial nas relações pessoais e sociais, pois não se restringe aos objetos, estendendo-se às pessoas. Nenhum dos entrevistados se confessa saudosista, porém, na fala de todos se percebe certa nostalgia em relação aos tempos passados.

Conclusão

Quando se lida com pessoas nada é definitivo ou mesmo duradouro, principalmente em tempos de evoluções tão constantes, rápidas e fluídas como as que acontecem na atualidade. Em relação a esse trabalho, o que considero mais adequado são algumas considerações reflexivas, dentre elas:

- As pessoas com mais de setenta anos sentem dificuldades em se adaptar à tecnologia moderna;

- Os idosos entrevistados consideram os relacionamentos atuais descompromissados;
- Para os pesquisados, a modernidade trouxe muitas coisas boas, apesar de alguns efeitos danosos às relações e à vida das pessoas, como a violência;
- O consumismo foi considerado negativo ou, pelo menos, não usado de forma inteligente e adequada pelas pessoas;
- As relações familiares se modificaram de maneira drástica nos últimos anos, trazendo prejuízo à educação das crianças e dos jovens.

Referências

- [1] ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- [2] BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. 14 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 p.54
- [3] HARVEY, David. **Condição Pós- Moderna – Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- [4] LE-VEN, Michel Marie. (org.) Colaboradores: Dilma Froes Vieira; Inês Assunção de Castro Teixeira. **Afeto e Política – Metodologia qualitativa: história oral de vida e sociologia clínica**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Linha Ed. Tela e Texto, 2008.
- [5] LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.
- [6] TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia; PÁDUA, Karla Cunha; **Memórias e percursos de estudantes negros e negras na UFMG**. BH: Autêntica, 2006, p. 33.